

Correio da Manhã
Rádio Clube Português
29 Setembro 2008 - 11h28
Mário Soares

"José Sócrates é o anti-Guterres"

Mário Soares, antigo Presidente da República, não poupa elogios a José Sócrates. Diz que é o anti-Guterres, um homem que não sabia dizer não. NATO e neoliberais são criticados pelo ex-líder do PS, que aposta tudo na vitória de Barack Obama nas presidenciais dos EUA.

Correio da Manhã/Rádio Clube – Afirmou que os líderes europeus continuam subservientes de Bush. No seu tempo era assim ou não? A Europa, no seu tempo, era mais independente dos EUA?

Mário Soares – Talvez não fosse mais independente. Mas de qualquer maneira havia governos bastante europeístas e que tinham uma estratégia de desenvolver a então Comunidade Europeia, que depois de transformou em União Europeia. Tinham um projecto.

- Um projecto político.

- Sim. Não tinha propriamente a ver com os Estados Unidos, embora quisessem manter a aliança atlântica com os EUA, isso não se punha em causa.

- Por causa da União Soviética.

- Nessa altura era tempo da Guerra Fria, em que havia dois blocos e a Europa estava claramente no bloco ocidental, com os Estados Unidos.

- Hoje é considerado um anti-americano primário. É só por causa de Bush ou mudou as suas posições face aos Estados Unidos?

- Sabe. O que é extraordinário é que eu nunca fui pró-americano. Pró-europeu sempre fui. Mas fui simpatizante e amigo dos EUA e do povo dos EUA. Sempre fui. Apesar de no tempo da ditadura, e é preciso não esquecer esse tempo, nós termos entrado indevidamente no pacto Atlântico.

- A NATO não admitia ditaduras.

- Por principio não. Deixaram-nos entrar porque convinha à política americana anti-soviética. Convinha-lhes fechar os olhos à situação de ditadura que existia em Portugal e noutros países. Mas quando veio o 25 de Abril eu percebi muito rapidamente que a situação tinha mudado e que nós deveríamos fazer uma democracia, que eu pretendia que fosse de esquerda, e uma descolonização, duas coisas muito difíceis, mas sem pôr em causa a nossa aliança atlântica.

- Essa posição estava assumida por si logo no 25 de Abril?

- Eu fui daqueles que disse isso ao então general Spínola, ainda não era Presidente da República, era o chefe do grupo militar que saiu da revolução. O general Spínola convidou-me logo no dia em que cheguei, no dia 28 de Abril...

- A Santa Apolónia.

- A Santa Apolónia. Eu estava a fazer aquele discurso à multidão que estava em Santa Apolónia e o José Magalhães Godinho, grande amigo meu e membro do PS, chegou perto do meu ouvido e disse-me: 'Acabe com isso que o general Spínola quer-nos receber'.

- Foi um desmancha-prazeres. Dizer-lhe isso quando estava a falar à multidão.

- Bem, ele disse-me isso porque achava que era importante que o novo Presidente nos quisesse receber logo à nossa chegada. A mim e aos meus companheiros que vinham comigo. O Tito de Moraes, Gomes da Costa e outros.

- Acabou e foi logo falar com Spínola?

- Sim, acabei o discurso e fomos dali para a Cova da Moura. O general Spínola deu-me um abraço logo que cheguei. E não nos conhecíamos. Eu tinha-lhe mandado o livro 'Portugal Amordaçado' que publiquei em Paris.

- E como é que foi a conversa?

- Entrámos e ia também o Raul Rego. Ele era muito amigo do Raul Rego porque tinha estado próximo do jornal República, que exerceu um papel importante nessa altura. Disse-me que iam criar um Governo civil e queria que eu entrasse no Governo.

- O que é que lhe respondeu?

- Eu fiquei assim um pouco abismado porque realmente aquilo que eu pensava que poderia suceder se houvesse uma revolução era que poderia ser, quando houvesse eleições, candidato a deputado, talvez pudéssemos meter um ou dois deputados, talvez eu fosse um deles.

- Depois aconteceu uma vaga de fundo.

- Sim, depois houve uma vaga de fundo.

- E aceitou ser ministro.

- Eu disse-lhe que sim, mas disse-lhe: 'Senhor general, eu só entro se o doutor Cunhal, que vem aí, também entrar'. Porque está a ver, entrar num Governo que se constitui depois da revolução e deixar o PC de fora a fazer propaganda era o fim.

- E Spínola?

- Disse-me que estava fora de questão. E eu disse-lhe que então não entrava. Foi então que o Spínola me informou que o Raul Rego ia ser o primeiro-ministro. E eu aí ia caindo da cadeira abaixo.

- Raul Rego primeiro-ministro? Nunca tinha ouvido tal.

- Pois. Ia caindo da cadeira abaixo porque o Rego não me tinha dito nada. Está a ver. Conhecendo bem o Rego, um excelente jornalista, mas era a pessoa menos preparada para ser primeiro-ministro.

- Ficou espantado.

- Espantado. Apenas lhe disse que o doutor Rego era membro do PS e não podia ir sem o partido tomar uma decisão.

- Nunca tinha ouvido essa história. Raul Rego poderia ter sido primeiro-ministro de Portugal.

- Pois claro. Bem, disse-lhe que ainda não tinha falado com o doutor Rego, que era membro do PS e portanto tinha de perguntar ao partido o que pensava. E nessa noite fizemos logo uma reunião. O Rego ficou um bocado entupido, disse que não se tinha comprometido.

- Mas nessa altura a qual era a sua posição sobre os EUA?

- Nessa altura o ataque que me faziam, diziam que eu era pró-americano.

- Exactamente.

- Nunca fui propriamente pró-americano. Mas amigo dos americanos fui, dos que nos ajudaram e ajudaram a Europa a salvar a guerra. Tinha uma grande admiração pelo Roosevelt. Depois, quando eu comecei a atacar a administração Bush, começaram a dizer que eu era um anti-americano primário.

- Ainda dizem.

- Mas realmente nunca fui anti-americano. Fui contra a administração Bush desde o início. Isso sim. Também não conheço o Bush filho, conheço o Bush pai, que é bastante melhor do que o filho e que por sinal até me convidou para a festa dos seus 80 anos já o filho era Presidente.

- **Não foi.**

- Não. Mandei-lhe dizer que não ia por várias razões. Uma delas era que estava lá o Bush filho. Não era correcto ir.

- **Para sua festa dos 80 anos não convidou o Bush pai.**

- Nem o Bush pai, nem o Bush filho, nem convidei ninguém. Foi uma festa que as pessoas organizaram um pouco à minha revelia. Isso é outra questão.

- **Voltando aos EUA, apesar de eu ter notado que nos primeiros três minutos fez logo uma piscadela de olho ao PC.**

- Não, não se trata de uma piscadela, trata-se de um facto histórico.

- **Estou a brincar. A Europa de Mitterrand , Kohl, González, Thatcher, Mário Soares foi substituída por uma Europa de personagens menores, sem grande substância política? E acredita que Obama é mais do que um enormíssimo produto de marketing? Acredita que Obama pode mudar um pouco a história das ideias?**

- Acredito a cem por cento e sobre isso não tenho a menor dúvida. Não o conheço pessoalmente, não sei, nunca o vi em pessoa, mas tenho seguido a sua carreira desde que se candidatou. Antes disso não fazia ideia nenhuma que existia Obama. Mas as ideias que lançou, a maneira como fez a campanha, as pessoas que o rodeiam no Partido Democrático e tudo aquilo dão-me a maior da confiança. Aliás, fui talvez dos primeiros em Portugal que comecei a falar no Obama e a defender o Obama.

- **Barak Obama. Pode ganhar as eleições presidenciais, mas também as pode perder. Ainda não se sabe. As diferenças são muito pequenas. Em sua opinião, o que é que vai acontecer ao Mundo se não ganhar?**

- Resta saber que Mundo. Mas acho que a Europa, o Ocidente em geral, a América em particular e a própria América Latina vão entrar inexoravelmente num período de decadência.

- **De decadência?**

- De decadência. Há um grande autor alemão, um filósofo chamado Oswald Spengler, do princípio do século, entre as duas guerras, que escreveu um livro chamado 'A Decadência do Ocidente'. Ele preconizou essa decadência com o advento dos outros mundos. Nessa altura era inimaginável que tivessem crescido tanto, como a China, a Índia, o Brasil, a Rússia, os chamados países emergentes. Mas a verdade é que isso já foi preconizado. Mas depois veio o nazismo, tudo isso, mas agora estamos numa altura em que o mundo ocidental pode entrar em decadência.

- **Porquê?**

- Repare. Isso é que as pessoas normalmente não vêem quando se discute o problema fundamental do que se vai passar a seguir, se é o Obama ou o McCain. O que é fundamental perceber é que há um sistema e um paradigma da economia e da política americana que é considerado neoliberal.

- **Neoliberal porquê?**

- Porque se baseia no mercado e na liberdade do mercado. Menos Estado e mais privados. E a economia livre vai regular-se. É a mão invisível que maneja o mercado. Este era o sistema neoliberal.

- **Ainda se lembra do livro do Fukuyama, 'O Capitalismo é o Fim da História'.**

- Exactamente. Mas a verdade é que o que se passou...

- **Esta crise financeira internacional?**

- Mas está a passar-se desde há anos a esta parte. Não quero estar aqui a armar-me em profeta. Mas se virem os livros que eu publiquei nos últimos cinco ou seis anos, desde o terrorismo, esse fenómeno novo, que agora está a ser posto em causa, dir-lhe-ei que estava claro que isto ia acontecer. Simplesmente ninguém viu, nem ninguém quis ver.

- **A crise só começou a ser falada há uns meses.**

- Repare. Quando falavam aqui há três ou quatro ou cinco meses que havia uma crise financeira nos EUA...

- Começou com o sub-prime...

-... Sub-prime e isso. Mas quando se falava que podia vir uma recessão económica, que estava iminente, os nossos grandes economistas diziam que não, era apenas um pequeno abrandamento.

- No Império Romano os bárbaros estavam nas fronteiras e em Roma via-se alegremente teatro e a falar-se da sua eternidade. Agora há um cheiro a decadência no ar. Podemos estar a assistir a um fim de um ciclo?

- Estamos a assistir a um fim de um ciclo. Isso é indiscutível. E o ciclo anterior estava podre. E o que me preocupa não é a questão dos bancos falirem ou não falirem, das pessoas terem mais ou menos emprego, já se viu em 1929 e isso foi superável de alguma maneira.

- Agora não será superável também?

- Nessa altura a crise foi superável com a administração do Roosevelt. E foi uma intervenção de tipo socialista. Foi um precursor do socialismo democrático.

- Falou agora do socialismo democrático. Já disse que os líderes socialistas europeus, como Schroeder e Blair, se deixaram colonizar pelos neoliberais.

- Pelo fascínio dos negócios.

- Exacto. Falando de Portugal. Este Governo do PS, socialista democrático, também se deixa fascinar pelos negócios?

- Bem, é possível que sim. É possível que algumas figuras que estão no Governo tenham algum fascínio pelo dinheiro e pelo sistema. E ao princípio sim. Quer dizer, quando aqui há quatro ou cinco anos o Blair lançou a sua terceira via e que eu disse que era uma vigarice pura e que não acreditava no Blair.

- Tanta gente o criticou na altura.

- Pois claro. Por exemplo, eu lembro-me que o meu amigo Guterres tinha pelo Blair uma verdadeira...

- Fascínio, uma admiração...

- Fascínio, uma grande admiração. É um homem brilhante, isso é.

- Blair ou Guterres?

- São ambos. Guterres é do mais inteligente que passou pela política portuguesa. Incontestavelmente e bem preparado. O Blair também é um homem de grande inteligência, fala muito bem, bom orador, eu conheço-o pessoalmente. Aliás, é muito simpático. Mas ele estava a vender...

- Uma ilusão?

- Gato por lebre. Gato por lebre.

- Mas neste momento em Portugal, este PS, que conhece tão bem...

- Não tanto como se julga. Porque o PS evoluiu muito nestes últimos anos.

- Sei que o PS evoluiu mas acompanho-o.

- Eu acompanho-o, mas olhe...

- O PS não se deixou também iludir, não se deixou levar por essas ideias neoliberais?

- Muitos dos dirigentes do PS apostaram na terceira via. E foram blairistas ao princípio. Mas agora já não são.

- Agora já não são?

- Acho que não.

- O que são, então?

- Bem, voltaram, regressaram aos valores socialistas, muitos deles. E espero que esse regresso continue. Porque há um grande economista, que não é socialista, que é o Joseph Stiglitz, prémio Nobel da Economia, que publicou um artigo há pouco tempo em que diz isto: "O Ocidente só se pode salvar se o sistema for reformulado". Todo. E se partirmos do princípio que o sistema está apodrecido e só vejo que haja entidades capazes de fazer isso que são os socialistas. Os socialistas democráticos. Bem, mas para isso é preciso que sejam socialistas, isto é, que tenham a preocupação primeira nas questões sociais...

- No trabalho também.

- No trabalho, que é uma questão social, na luta contra o desemprego, na luta contra a pobreza. E esses são os grandes valores. E a luta a favor do ambiente.

- Apetece-me perguntar-lhe o seguinte. Os protagonistas, as grandes figuras políticas portuguesas dos últimos trinta anos. Sente-se mais próximo, no abstracto, filosoficamente falando, de Francisco Sá Carneiro ou de José Sócrates?

- Não. Evidentemente de José Sócrates. Isso não tenho dúvidas. Eu tive apreço, bastante apreço, embora fosse seu rival e tivesse dito coisas desagradáveis em relação a Sá Carneiro, das quais até me arrependi.

- De algumas arrependeu-se?

- Sim, arrependi-me. Porque me deixei levar por uma coisa de marketing eleitoral.

- Exacto.

- Coisa extremamente desagradável como, por exemplo, fazer uma nota de cinco contos ou de um conto com a cara de Sá Carneiro.

- Exacto.

- A sugerir com aquilo que ele era uma pessoa pouco séria, o que não era. Bem, e portanto isso foi desagradável e eu, aliás, fiz a autocritica logo porque ele apanhou-me. Nós tínhamos relações muito boas e o Sá Carneiro, das últimas vezes que eu o vi, apanhou-me nos Passos Perdidos e disse-me "você acusou-me" e não sei quê e eu disse-lhe "está bem, tem razão". E "você mexeu numa coisa horrível que eu nunca pensei". E eu conhecia a mulher dele, a segundo mulher dele antes dele. E era amigo dela.

- Snu Abecassis.

- A Snu, que era social-democrata e que tinha uma linha que vinha do Olof Palme, era grande admiradora do Palme e conhecia os sociais-democratas. Bem. Eu tinha a maior simpatia por ela e até pela coragem que o Sá Carneiro teve. Mas naquele período eleitoral houve uns tipos do PS que resolveram levar isso, não eu, mas levaram e eu não os desautorizei, não fiz aquilo que devia ter feito. E nessa altura eu disse à Snu, porque ela também disse "eu nunca julguei que você fizesse uma coisa dessas", pois está bem, não fui eu que fiz mas, enfim, encaixo porque eu era o responsável. E peço desculpa pela minha parte, porque realmente não devia ter feito. Mas enfim, essas coisas das competições eleitorais são difíceis. Mas claro que eu acho que o Sá Carneiro era um homem que tinha uma visão social-democrata do Mundo mas muito. Muito liberal no sentido antigo do termo.

- Claro.

- Muito ligado a certas concepções muito anti-comunistas. Coisa que eu nunca fui. Até porque eu tenho uma origem inicial do Partido Comunista.

- Exactamente.

- Mas não tinha dúvidas que era preciso vencer o Partido Comunista em Portugal. Como foi vencido.

- Respondeu ao Luís Osório e disse que está mais próximo de José Sócrates. Mas agora sinceramente. Já lançou alguns avisos à navegação socialista, dizendo cuidado, não se aproximem tanto do capital,

aproximem-se mais dos sindicatos, das confederações sindicais, das pessoas. Olhando para toda esta política, para estas reformas, como o recente Código de Trabalho. Conhece o novo Código do trabalho?

- Não, não li. Por acaso não li.

- Mas as alterações que foram feitas agravam ainda, do ponto de vista dos sindicatos, as normas e as posições do Código Bagão Félix.

- Se me dá licença.

- As alterações ainda são mais gravosas para os trabalhadores.

- Não são, isso é um pouco propaganda.

- É?

- É. Eu não fiz um estudo exaustivo do Código do Trabalho. Mas por acaso o ministro, que é um homem de bem e com boa intenção, o ministro...

- Vieira da Silva.

...Vieira da Silva, antes de lançar o Código de Trabalho, convidou-me para lá ir ao Ministério, eu fui, estivemos uma tarde e ele esteve-me a explicar aquilo. As intenções. Uma coisa são as intenções, outra a realidade e sobretudo a leitura. E isso não tem sido bem explicado. E se fosse melhor explicado era possível que não houvesse tanta crítica como há. Mas a verdade é que se instalou no espírito das pessoas e em especial dos trabalhadores que aquilo é mau para eles e há algumas coisas em que realmente é. Mas não em todas. Eu não sou um especialista. Mas não quero fugir à questão que me pôs sobre o Sócrates.

- Exactamente.

- Eu tenho estima pelo Sócrates. Eu não conhecia bem o Sócrates, devo dizer-lhe. O Sócrates para mim era no passado, já o disse várias vezes, uma criatura do Guterres.

- Exactamente.

- Quer dizer, na linha do Guterres. E quando foi aquela luta do Secretariado ele esteve sempre esteve ao lado do Guterres.

- Em Castelo Branco

- Do lado do Guterres.

- Foi dos poucos que esteve até ao fim.

- Exacto. E eu nunca tive nenhuma coisa pessoal com o Sócrates, mas conhecia-o muito mal porque ele estava lá em Castelo Branco. E eu dizia, bem este tipo é do Guterres e segue a linha do Guterres, é um fiel do Guterres. Mas ele não é uma criatura do Guterres. Eu vim a perceber que ele é um anti-Guterres.

- Sócrates é um anti-Guterres?

- Sim. Um anti-Guterres neste sentido. É que o Guterres, que tem todas as qualidades que eu já lhe atribuí, e que é um homem muito estimável, de uma seriedade absoluta, é um homem que não sabe dizer não a ninguém. Porque gosta de ser amado e portanto faz tudo para ser amado e um político tem de dizer não.

- O doutor Soares também gosta de ser amado e diz muitas vezes que não.

- Não, eu digo muitas vezes que não e tenho entrado nas maiores lutas, como se sabe. Não gosto especialmente de ser amado, não me queixo de não ser amado. Nem tenho esse complexo.

- Mas é respeitado por essas lutas. Por dar a cara.

- Exactamente. Quando era primeiro-ministro. Mas isso também faz o Sócrates. Faz o Sócrates. O Sócrates também faz isso. O Sócrates é um primeiro-ministro que vai à luta. Não manda os ministros. Nas coisas principais ele entra. E eu acho que é um homem que tem um grande sentido de que está a fazer um serviço para o País. E que portanto tem essa certeza no seu espírito. Depois é um tipo corajoso. Corajoso civicamente e corajoso fisicamente. Não tem medo das coisas. Atira-se para a frente. E isso é uma coisa que eu aprecio. Aprecio muito. Um político tem de ser corajoso. Já o Kennedy dizia que a principal qualidade de um político é a coragem. A inteligência todos têm mais ou menos. Mas a coragem...

- A coragem...

- E o carácter é que às vezes falta. E ele tem. Claro que ele não tem uma preparação intelectual e filosófica como tinha o Guterres. É evidente que não tem. Mas é um tipo que estuda as coisas, que sabe as coisas e que martela nas coisas próprias.

- Tem uma vantagem que o doutor não teve nem o Guterres. Tem uma maioria absoluta. É uma vantagem grande do ponto de vista político para governar e tomar as decisões.

- Sim, mas tem tomado as decisões, tem atacado os problemas, os muitos problemas do País, com mais ou menos dificuldades, mas tem. Tem um espírito muito polémico, talvez, e, por exemplo, aqueles combates que ele faz tantas vezes, em que ganha normalmente.

- No Parlamento?

- No Parlamento, em que está melhor preparado e fala bem e é directo. Mas ele desgasta-se com isso enquanto primeiro-ministro. Devia poupar-se um pouco mais nessa matéria.

- Vamos falar do futuro. Do País, do Mundo e da Europa também, claro.

- Neste momento estão relacionadas as duas coisas.

- Portugal, a Europa e o Mundo é a chamada globalização em todo o seu esplendor. Presidência da República: faz um balanço positivo do mandato de Cavaco Silva? Não tem falado sobre isto.

- Não tenho falado, nem falo. Sendo eu membro do Conselho de Estado e pertencendo de alguma maneira ao conselho do Presidente da República não deve estar a interferir em coisas de natureza polémica. Sobre essa matéria eu reservo a minha opinião por esta razão muito simples. Tenho um dever de lealdade e tenho um dever de discrição nessa matéria. E, por outro lado, para lhe dizer a verdade, nunca ninguém me viu a comentar os meus sucessores nos sítios. Ou a criticar. Não sou esse estilo de pessoa. Acho que cada um faz o que pode e depois a história avalia.

- Há bocado arrependeu-se de algumas coisas que disse no calor da campanha eleitoral em relação ao doutor Sá Carneiro. Arrepende-se também de ter participado nas últimas eleições presidenciais?

- Não, não me arrependo. Evidentemente que foi uma coisa mal preparada. Estamos outra vez a falar do passado e eu quero falar do futuro porque temos muitas coisas do futuro a dizer. Mas em duas palavras sobre o assunto. Eu não queria candidatar-me. Quando organizaram esse jantar que referiu em que estavam duas mil pessoas nos 80 anos eu disse "Basta". Podia não ter dito. Muitas daquelas pessoas estavam ali à espera que eu desse um sinal. E o sinal que eu dei foi dizer "basta". E eles foram escolher outros candidatos. Começaram a pensar nisso. Este não quer, é uma chatice, nós gostaríamos, mas ele não quer. Bem. Mas depois as coisas agravaram-se de tal maneira no plano do PS, e o PS, de que eu fui um dos fundadores, em que eu tenho sempre uma visão muito afectiva do PS, e naturalmente que quando chegou a altura de ver que o PS estava sem candidato que pudesse apoiar, bem, se não há mais ninguém vou eu.

- Para acabar este capítulo...

- Mas não estou arrependido de o fazer. Agora, fi-lo com uma impreparação total, fi-lo a dois meses das eleições.

- E muito desamparado.

- Muito desamparado, mas não pelo PS. O PS, Sócrates, tanto quanto possível, fez o que pôde. Apesar da perna partida. Foi a comícios e tudo. É verdade, Não tenho nenhuma crítica a fazer-lhe. Mas o partido é que não estava motivado. O partido tinha-se dirigido noutras direcções e não foi possível. Só me apercebi disso um pouco mais tarde.

- Mas para acabar este capítulo...

- Mas de qualquer maneira eu acho que fiz o que devia. E fiz uma campanha que um dia vai ser revista.

- Manuel Alegre parece querer candidatar-se à Presidência da República. Terá o seu apoio?

- Bem, não sei. Isso é uma questão que eu não me ponho a falar a uma distância dessas. Veremos.

- Futuro de Portugal. Neste momento as pessoas estão a viver pior do que viviam.

- Sim.

- Têm menos dinheiro, têm dificuldades graves. A classe média está a sofrer imenso, os outros também.

- Há uns que não sofrem. Os que têm mais dinheiro e enriquecem mesmo nas crises.

- Esses nunca sofrem. Ao longo destes anos todos, Portugal na União Europeia, Portugal com fundos europeus, chegamos a 2008, há evidentemente uma crise em todo o Mundo, mas Portugal chega a este ponto e está a ser ultrapassado por outros países. Há razão para sermos optimistas sobre o futuro de Portugal ou não?

- Há, absolutamente.

- Mas como?

- Em primeiro lugar é preciso confiar no povo português. Eu confio no povo português e no génio do povo português. E um povo que tem a história que tem Portugal e fez aquilo que fez, incluindo a revolução de sucesso que foi a revolução do 25 de Abril, que realizou todos os seus objectivos, um País que consegue ter as melhores relações com África e com as antigas colónias portuguesas como não têm nem os franceses nem os ingleses.

- Exactamente.

- É verdade.

- E agora Angola. Angola está a ser o futuro para Portugal. Em termos de investimento, até de emprego.

- Essa é uma das ironias do nosso tempo.

- É que nós estamos a emigrar para Angola.

- E vice-versa. Há muitos angolanos em Portugal. Isso não é assim. Mas se me dá licença eu tenho uma grande confiança em Portugal. E penso que não se pode abstrair da circunstância do Governo Sócrates ter resolvido um grande problema que nós tínhamos, que era o problema da redução do défice. É possível que isso venha a reaparecer, mais longe, com a crise. É possível. Mais longe. Mas ele fez esse trabalho. E esse trabalho foi feito e deu-nos o prestígio de nós termos abordado a Presidência europeia em boas condições, sem dever nada a ninguém. Portanto, os portugueses têm a mania de dizer mal deles próprios. Quando vão para o estrangeiro percebem rapidamente que o nosso País tem muita qualidade e muito interesse. Mas só no estrangeiro.

- Em termos de segurança. Mas ao nível da qualidade de vida chegamos a Londres e Paris e é outro mundo.

- Os dois exemplos que deu são maus exemplos. Porque Londres está numa situação muito difícil. Londres e toda a Inglaterra. Quando se dizia que aquilo tinha sido uma vitória brutal e que estava num grande desenvolvimento. Não está nada. A Irlanda, que era o exemplo, agora está em recessão, coisa em que nós não entrámos ainda. Está em recessão. E nós vamos talvez ser capazes de reagir a esta crise melhor, que não está resolvida nem será resolvida com os 700 mil milhões de dólares que puseram.

- Ou vão pôr.

- Porventura vão pôr. Ainda não se sabe. Isso pode ser um remendo. Porque o sistema é que faliu. O sistema económico que eles têm, a globalização neoliberal, a chamada democracia liberal faliu.

- Faliu lá e também faliu na Europa.

- Faliu lá, faliu na Europa e faliu no Mundo. Mas o que é que vem? Não é o capitalismo que vai desaparecer. O capitalismo vai, talvez, se for capaz, se houver a possibilidade de regulamentar o capitalismo e ter Governos de esquerda na Europa e no Mundo, na América.

- Acha que só com Governos de esquerda é possível reformular o capitalismo?

- Neste momento sim. Porque os outros são os responsáveis da crise. Esta crise tem de ter responsáveis. Houve responsáveis.

- O Reino Unido teve nestes doze anos um Governo de esquerda.

- De esquerda? Bem. Não me faça rir.

- O alargamento da Europa não está a tornar mais visível que a construção europeia é hoje apenas uma construção de interesses.

- Não é apenas.

- Se esta crise se alargar não pode estar em causa a própria União Europeia?

- Pode. Evidentemente que pode. A União Europeia alargou-se muito precipitadamente. Os alargamentos foram feitos para esconder outros fracassos e outras incapacidades. Como a reforma institucional. A indispensável reforma institucional. Como sabe eu sou um europeísta federalista e acho que deve haver um Governo europeu e que devem haver símbolos europeus. Não há por timidez, por cobardia, por falta de coragem.

- Numa Europa a 27 é totalmente utópico.

- Numa Europa a 27 começa a ser uma grande balbúrdia cá dentro. Mas, enfim, o sistema tem de continuar e é possível que vá continuar. E o grande projecto europeu é um projecto de paz e nós com a Europa temos conseguido viver em paz estes anos todos. E não é um pequeno feito. Temos de continuar a acreditar na Europa e a avançar na Europa e com os projectos europeus.

- Falou em paz. Mas a Europa, em termos de Defesa, vive da NATO.

- Por acaso tem feito alguns progressos.

- Mas poucos.

- Alguns progressos que são sensíveis.

- Um analista militar ainda dizia recentemente que os exércitos europeus são ridículos.

- Bem, isso é excessivo.

- Mas não acha que a NATO continua a ser importante em termos do futuro da Europa e da paz?

- Eu acho que não. Eu pergunto-me se a NATO tem sentido. Eu acho que a NATO não tem sentido e que depois da Guerra Fria ter acabado devia ter acabado. Não houve coragem para fazer isso. E isso cria muitos problemas.

- Tem consciência que essa opinião é mais uma vez contra a corrente dominante.

- Claro, com certeza que é. Absolutamente. Porque não pensaram nisso. Vão seguindo. O que se está a passar na NATO é que a NATO vai ter os maiores problemas, não na Europa, mas no Afeganistão. E o Afeganistão vai ser um caos maior e mais grave do que foi o Iraque, o que tem sido o Iraque até agora e que vai continuar a ser, ao contrário do que dizem. É preciso mudar isso tudo. E é nesse sentido que eu acredito muito no Obama. Não que ele vá mudar tudo, que não vai. Mas o Obama vai levantar um vento fresco que vai soprar sobre a Europa e sobre o Mundo que é extremamente salutar.

- Sobre o Médio Oriente também vai soprar esse vento fresco?

- Sim, se o meu amigo ver o que se está a passar no Médio Oriente percebe que isso é indispensável. A própria sobrevivência de Israel, com a situação que criou com aquele enclave no mundo árabe, é uma situação muito

periclitante. Basta que mudem as coisas e aos americanos percam o poder que têm para isso tudo vir abaixo. Porque eles vivem da América. Esses é que vivem da América. Bem, eu acredito que o Mundo vai se aperceber com a crise de algumas questões que são fundamentais. Que o sistema tem de mudar, temos de avançar num sistema social a sério, num sistema ambiental a sério e que para o bom funcionamento da economia é preciso que os trabalhadores tenham uma palavra dizer e sejam tratados com dignidade.

- No meio de tudo isto os velhos partidos comunistas não podem ter uma janela de oportunidade?

- Não creio. Onde é que estão os velhos partidos comunistas? Estão a repetir a cartilha. Sinceramente não creio. Evidentemente que eles têm uma voz contestatária e o protesto é útil. Acho que o PC tem importância.

- Dá vontade de dizer que o líder da oposição em Portugal é Carvalho da Silva.

- Bem, mas o Carvalho da Silva não se deve confundir com o Partido Comunista. O PC tem um líder que se chama Jerónimo de Sousa e esse é que segue a cartilha. O Carvalho da Silva é um grande sindicalista e sabe que eu tenho uma grande estima por ele e um grande apreço.

- Falou nos trabalhadores, no respeito pelos seus direitos. Mas o Estado Social, a Europa social...

- Não tem sustentabilidade.

- Não está falido?

- É uma receita do neoliberalismo para tapar a boca.

- Os cidadãos que nos estão a ouvir e a ler têm menos reformas hoje em dia. Não é verdade?

- Têm de ter mais.

- Mas têm menos.

- Mas têm de ter mais. A verdade é esta. O Estado social é indispensável para que a economia funcione. E os anos de progresso da Europa foi porque tinha um Estado social. Não foi por mais nada.

- E isso não faliu?

- Está a ser dito. Agora está a ser reconhecido por toda a gente. Claro que há pessoas que já viram isto há uns anos atrás. Mas isto é a mudança fundamental. E os americanos vão sair desta crise reforçados. Porque só podem sair se houver políticas como o Roosevelt na crise de 1929. Se não saem.

- Sabendo que é uma referência e é um homem do futuro, o que é que tem a dizer às pessoas que vivem momentos dramáticos para serem optimistas?

- As razões são as que eu disse. Espero que se consiga vencer esta crise. E o Obama dará uma boa contribuição se for eleito.

- Está a jogar as cartas todas no Obama.

- Não estou aqui a jogar as cartas.

- Mas disse que se ganhar o McCain, se perder o Obama vai ser um desastre.

- O McCain é mais do mesmo. O McCain é a mesma coisa do que o Bush. E a senhora que ele escolheu ainda é pior do que o Bush

- A Sarah Palin.

- Sim, é muito pior do que o Bush. Aquilo tudo é uma ilusão. Se os americanos fizerem isso é porque são tontos. Há uma massa americana muito pouco crítica. Mas tudo o que é sólido na América, tudo o que é inteligência, nas universidades, nas artes, nas ciências, está com o Obama. Tem alguma dúvida disso?

- Não tenho dúvida. Mas noutros tempos estavam com o Al Gore. E depois perderam.

- Pois estiveram. Perderam.

- A democracia é assim.

- Perderam e houve também alguma falta de coragem dos líderes democratas e que têm responsabilidades. Com toda a estima pelo Al Gore. Mas agora não é o caso. Este tipo tem mostrado, o Obama, que não só tem cabeça como tem coragem.

- Tem defendido algumas vezes a democracia directa de Hugo Chávez.

- Não é uma democracia directa, desculpará.

- Como é que a define.

- É uma democracia, que não é ainda uma democracia social, mas que para lá caminha, se tiver tempo, com grandes laivos de populismo. Essa é a questão de toda a América Latina, em que houve uma evolução total, há uma revolução pacífica na América Latina que nós não acompanhamos. Eu acompanho porque sou muito partidário da América Latina e acho que tem muito a ver connosco. Nós temos 700 mil portugueses na Venezuela, temos de ter boas relações, bati-me por isso. E a propaganda que se faz contra o Chávez, muita dela sabe-se de onde vem. Mas o Chávez tem algumas qualidades. Eu conheci-o, tornei-me amigo dele, fiz uma conversa com ele na televisão em que mostrou que não é um imbecil como se julgava, nem é um louco, porque foi muitíssimo hábil.

- Não tem comparação com Lula da Silva.

- São diferentes.

- Lula da Silva mostrou que é um estadista.

- Sim. Eu sou grande amigo do Lula, como sabe.

- Eu sei.

- Mas acho que o Lula e o Chávez, eles compreenderam isso, têm necessidade um do outro. O Chávez não é um homem cruel. Nunca matou ninguém, não mete os inimigos na cadeia, não faz essas coisas. E perde eleições e respeita esse veredicto. Isso é importante.

- Agora questões mais curtas. No meio desta crise toda acha importante discutir os casamentos gays? Qual é a sua posição sobre isso?

- Bem. Eu não acho que seja a coisa mais importante que nos deve preocupar neste momento. É uma coisa acessória. É uma escolha de civilização e todas as novas gerações querem isso. É uma coisa que está a acontecer nos outros países, vai acontecer mais tarde ou mais cedo.

- Se um casal gay o convidasse para padrinho aceitaria?

- Eu não gosto de ser padrinho de ninguém. Mas realmente era coisa para pensar. Nunca ninguém me convidou. Até porque não ando muito por esses meios.

- E a eutanásia?

- Sim, acho que em certas condições a eutanásia se justifica. Quando uma pessoa está em grande sofrimento num hospital e percebe que não tem saída e pede a um médico, está consciente do pedido que faz, que quer morrer. As pessoas têm direitos à sua dignidade e se sabem que não a podem manter têm direito de pedir a sua morte. É preciso ver se não estão influenciados, perturbados, mas acho que não sou absolutamente contra. Embora tenha uma visão da vida que nunca me tivesse ocorrido que eu me podia extinguir por minha vontade.

- A doutora Maria Barroso já o convenceu da existência de Deus?

- Não, nem faz nada por isso. Porque não é possível. A vida num casal, como sabe, é uma vida que se baseia no respeito mútuo. A minha mulher, por razões que são conhecidas, pelo desastre do meu filho, de ver o filho à morte, teve uma conversão. Tinha talvez uma base lá dentro, que não tinha dado por isso. Mas a verdade é que o facto de ela se converter não quer dizer que o filho, que foi a causa da conversão, esteja convertido ou que eu seja convertido. Na família só a minha mulher é que é católica.

- Concorda que os chumbos devam acabar em Portugal, como defende a ministra?

- Evidentemente que tem de haver chumbos. Não concordo que acabem com os chumbos. Como é que é isso? Acabam com os chumbos? Há bons alunos e há maus alunos.

- Sempre houve.

- Houve e haverá.

- Depois de preso doze vezes, deportado, lutador, por convicções. Valeu a pena?

- Absolutamente. Sinto-me perfeitamente realizado e não tenho dúvida nenhuma sobre isso. Só gostaria de ter tido tempo para escrever mais dois ou três livros.

- As memórias? Isso não?

- Eu acho que não tenho categoria para escrever memórias.

PERFIL

Mário Alberto Nobre Lopes Soares nasceu em Lisboa no dia 7 de Dezembro de 1924. Casado, com dois filhos, licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras de Lisboa e em Direito na Faculdade de Direito de Lisboa. Fundador do PS, esteve preso doze vezes na ditadura e foi deportado por Salazar para São Tomé. Daí partiu para o exílio em França. Regressou a Portugal depois da revolução de Abril, foi deputado, ministro, primeiro-ministro e Presidente da República de 1986 a 1996.

António Ribeiro Ferreira (Correio da Manhã) e Luís Osório (Rádio Clube Português)